

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Adelaide Nunes

registada em 2009-02-10
por

Hugo Pereira e Joana Ribeiro

Adelaide Nunes

Adelaide Nunes nasceu na Mourísia em 1921, no dia 29 de Outubro. Os pais, José João e Albertina, trabalharam sempre na agricultura. Tiveram seis filhos. Viviam “pobres, mas alegres”, passando o tempo no campo. Desde os 12, 13 anos Adelaide ajudava os pais, a “roçar mato e lenha, guardar gado, cavar terra”. Com pena de não aprender, Adelaide nunca foi à escola. Depois de guardar o gado ainda sobrava tempo para brincar pelos campos, com jogos do anel e umas bonecas de farrapos. Aprendeu com a prima a fazer umas roupinhas, tudo à mão. Foi na Mourísia que conheceu o marido, António Nunes. Foi ele quem a pediu em namoro ao pai. O casamento foi em Fevereiro, tinha Adelaide 26 anos. “Cada um ia com a roupa que podia.” Adelaide criou “seis filhos a cultivar terra, sozinha”. O marido andou em Lisboa uns 18 anos, vinha a casa de vez em quando, mas lá tornava a voltar. Adelaide ficou a tratar dos filhos. Estiveram casados mais de 50 anos, ainda fizeram bodas de ouro.

Índice

Identificação Adelaide Nunes.....	4
Ascendência José João e Albertina.....	4
Casa "Era pequenita".....	5
Infância "Pobres, mas alegres".....	5
Educação "Nem eu nem as minhas irmãs aprendêramos".....	7
Religião "Duas horas a andar para ir lá para a catequese".....	7
Namoro "Não andavam abraçados uns aos outros".....	7
Casamento "Cada um ia com a roupa que podia".....	8
Descendência "Assim que se eles começaram a criar, cada um foi para seu lado".....	10
Costumes Dias de paródia.....	12
Lugar Imagens da Mourísia.....	15
Avaliação "Não dão valor a isso".....	20

Identificação *Adelaide Nunes*



Adelaide Nunes (Lisboa, 2005)

O meu nome completo é só Adelaide Nunes. Nasci na Mourísia em 1921, no dia 29 de Outubro.

Ascendência *José João e Albertina*

O meu pai era José João. Foi nascido na Mourísia e lá morreu. A minha mãe era Albertina. Nasceu na Moura da Serra e depois foi para a Mourísia. Conheceram-se, porque a minha mãe foi para lá. Morreu-lhe os pais muito cedo e ela foi lá criada com os padrinhos e lá se casou. Foi sempre na agricultura que eles trabalharam. Cultivavam milho, batata e centeio lá pelas lavouras.

Semeávamos lá nas serras. Cavavam a terra, faziam queimadas e semeavam o centeio. Cortavam a lenha para o chão, queimava-se a lenha e depois é que semeavam o centeio. Era para ficar a terra limpa por modos de se semear. Agora é que já ninguém cava nada. As terras está tudo relva.

Éramos seis irmãos, mas morreu um. Éramos cinco. Ainda estão todos vivos. Mas cá, só estou eu. Os outros estão para Lisboa.

Casa "*Era pequenita*"

A minha casa era pequenita. Cabíamos dois e três numa cama. Às vezes, até se viravam uns para os pés, outros para a cabeceira. Era pequenita, era. Mas, graças a Deus, lá nos criámos. Tinha três divisões. Quatro com a cozinha. Eram dois quartos, uma salita e era a cozinha. Quando não estava ainda lá por fora no campo ou quando estava mal, estávamos lá em casa, às vezes, na sala, na salita pequena.

Infância "*Pobres, mas alegres*"

Graças a Deus, vivíamos pobres, mas alegres. Sempre a cavar terra lá nos campos. Primeiro, tinham bois para cavar, para lavrar a terra. Depois, já deixaram de ter os bois. Cavavam com as ferramentas, com uns garranchos, umas enxadas. Ainda andaram para lá levar máquinas, mas na Mourísia não dá. Era a terra muito empinada e não dava. Lá um compadre meu - até está agora em Côja - ainda para lá chegou a levar umas, mas lá não dá. Tinha de agarrar a terra a braço. Para adubar, era o estrume dos animais. Tinha os porcos, bois e gado, ovelhas, cabras. Agora é que já nem animais, a bem dizer, há. É com adubos que semeiam alguma terra, mas também já lá semeiam pouco. Os novos foram-se embora e os velhos não podem. É assim.

Desde a idade de 12 anos ou 13 que ajudava os meus pais. É roçar mato e lenha, guardar gado, cavar terra. Para lá cavei muita terra. O meu pai cortava as giestas e eu cavava a terra. Depois, quando era aí em Setembro, iam fazer aquelas queimadas. Queimavam a lenha, porque não se podia semear o centeio sem queimar a lenha, e semeávamos. Dava muito centeio aquelas lavouras. Nessa altura, o meu pai tinha bois. Tínhamos de vir cortar erva e roçar mato também para os bois.



**Maria Adélia, filha de Adelaide Nunes (ao centro)
e prima a enleirar terra (Mourísia, anos 60)**

"Lá se passava a mocidade"

Aprendi com uma prima minha a fazer umas roupinhas para a gente. Eram as nossas histórias. Nem tinha máquina nem nada. Depois, mais tarde, é que comprei uma. Mas primeiro trazia tudo à mão.

Também tinha tempo para brincar. Às vezes, quando vínhamos de guardar o gado, brincávamos uns com os outros lá nos campos. Ao domingo a rapaziada ajuntava-se e lá se passava a mocidade. Nem faziam grandes jogos. Os rapazes é que lá se juntavam e diz que jogavam no fito. Punham uma pedra lá na rua, faziam uma cova e daí botavam com um pau para dentro da cova como agora fazem os jogadores da bola. Dizia-se que era o fito. Os rapazes é que faziam isso. A gente jogávamos o anel, uma coisa simples que punham entre as mãos.

Não tive brinquedos. Nem para os meus filhos. Não havia brinquedos naquele tempo. Só faziam umas bonecas de farrapos para se entreterem. Fazíamos com pano, uma agulha e uma linha. A cara a gente fazia de qualquer maneira. Às vezes, para fazer os braços, púnhamos um bocadito de pau com um bocado de linha. Fazíamos aquilo tudo quando éramos assim mais novas, quando tínhamos vagar. Quando andávamos lá a guardar o gado, assentávamo-nos e fazíamos. Para os miúdos se entreterem era assim que a gente fazia as bonecas.

Nessa altura, havia lá na Mourísia mais crianças que agora. Donde me eu criei, éramos seis. Morreu um, mas já morreu de idade. Já tinha feito a quarta classe quando morreu. E havia lá mais três casais que também tinham aos quatro, aos cinco, seis, sete filhos. Havia lá uma pessoa que tinha sete. E, claro, ajuntavam-se todos quando tinham vagar, aos domingos. Quando era pela semana, andávamos no campo a ajudar os pais.

Educação "*Nem eu nem as minhas irmãs aprendêramos*"

Nunca fui à escola. No meu tempo, não havia na aldeia. Só um irmão meu é que veio para a escola. Dois. Os dois mais novos vinham para a Moura da Serra. Foi já depois, mais tarde, que havia lá escola. Mas nem eu nem as minhas irmãs aprendêramos. Tenho mais duas irmãs. Até estão em Lisboa. Também não aprenderam porque, naquele tempo, não havia escola e a gente era para ajudar os pais. Não era obrigado. Depois, os meus filhos já todos foram à escola. Levou muito sacrifício, mas todos fizeram a quarta classe. A mim não me deixaram ir. Tive pena e tenho muito pena de não aprender. Agora, a gente já não pode estar a trabalhar e, às vezes, ainda entretinha-se a ler um bocadito. Assim, não posso fazer nada. Faz falta, porque, é claro, os filhos foram para Lisboa e até às vezes escreviam uma carta. Tenho pena. Mas então... Não nos ensinaram.

Religião "*Duas horas a andar para ir lá para a catequese*"

A doutrina, essa, fiz. Fiz a Comunhão Solene. Eram duas horas de caminho para donde ia para a minha freguesia, que era para Pomares naquele tempo. Agora, já virámos para a Moura da Serra. Mas, naquele tempo, íamos para Pomares. Duas horas a andar para ir lá para a catequese. Íamos lá só aos domingos. E de Inverno, quando estava a chover, não íamos. Depois, quando foi a última semana para fazer a Comunhão, eu mais uma prima minha fôramos todos os dias. Duas horas a andar. Lá da Mourísia, a pé, íamos só eu e mais uma prima. De Sobral Gordo, iam mais quatro. Juntávamos todos numa escola que é lá perto. Os meus filhos, depois, já aprenderam a catequese na Moura.

Quem nos ensinava, era as irmãs do prior. Às vezes, lá davam uma reguada, mas, graças a Deus, não levei nenhuma.

Namoro "*Não andavam abraçados uns aos outros*"



António Nunes, marido de Adelaide Nunes (Mourísia)

Foi na Mourísia que conheci o meu marido. Chamava-se António Nunes. Só tinha mais dois anos que eu. Lá nos calháramos e começámos a namorar um com o outro. Foi ele quem pediu o namoro. Agora, às vezes, as raparigas já pedem. Mas, naquele tempo, era só os rapazes que pediam namoro. E não andavam aí abraçados uns aos outros. Conversávamos, conversávamos, mas não andavam como eles andam agora abraçados. Ele disse ao meu pai se podia namorar comigo. O meu pai disse que era sempre da vontade, mas que também era dele. Assim como eu também disse para os meus filhos.

Casamento "*Cada um ia com a roupa que podia*"



António Nunes, marido de Adelaide Nunes (Mourísia)

Foi em Fevereiro que me casei, mas já não me lembro a quantos é que foi. Tinha 26 anos. Levei uma blusa, um casaco e uma saia. O fato era castanho e a blusa era branca. O meu marido levava um fato preto com uma camisa branca, também. Agora, fazem uma noiva. Mas, naquele tempo, não havia como agora. Cada um ia com a roupa que podia. E só fizéramos um almoço com a família. Comeu-se carne e batatas e era arroz-doce, filhós e tigelada. A tigelada é com ovos, leite e açúcar. A gente bate os ovos com açúcar e leite e depois vai ao forno nuns caçoilos. Mais nada.

Ainda passou de 50 e tal anos que estívemos casados, que as minhas filhas ainda fizeram bodas de ouro. Mas já não me lembra os anos que foi. O meu marido começou-se a entrevar, andou muito doente. Já há oito anos que estou viúva. É assim a vida.



Adelaide Nunes e António Nunes, na comemoração das bodas de ouro do seu casamento (Mourísia)

Descendência "Assim que se eles começaram a criar, cada um foi para seu lado"

Criei seis filhos a cultivar terra, sozinha. Nessa altura, quase tudo se foi embora para ver se iam ganhar a vida melhor. Antigamente, quando começaram a ir os primeiros para Lisboa, diziam que andavam por lá a trabalhar nas novas quintas. Agora, cada um ia para donde podia. O meu marido ainda lá andou uns 18 anos. Andava a dar serventia na construção civil. Vinha cá de vez em quando, quando podia, mas lá tornava a voltar. Depois adoeceu e, claro, veio para casa.

Eu cá ficava a tratar dos filhos. Tinha de cultivar a fazenda por modos de dar renovo para eles comerem e de fazer a roupa para eles vestirem. Andei sempre no campo. Apanhei muito sol, muita chuva a roçar mato e cortar erva para os animais, a guardar o gado, a cavar terra para semear o centeio e a tratar fazenda. Nem era toda minha. Cultivava para mim e para os outros. Numa, cultivei 100 alqueires de milho, fiquei com 50. O outro era para o patrão. Não chegava o meu, cultivava doutros também.

Depois, as mais velhas já me ajudavam a fazer alguma coisa. Mas a gente na aldeia, quando era preciso, ajudávamos umas às outras. Eram amigas de ajudarem. Se estivesse uma pessoa doente, toda a gente ia ajudar. Iam semear o renovo, regá-lo, fazer o trabalhito que eles tinham para fazer. Depois, para colher

para casa o renovo, também era preciso buscar carregos a este, carregos àquele para modos de ajudar.



Maria Isilda, filha de Adelaide Nunes (Mourísia)

Era muito diferente criar os filhos. Agora, claro, podemos ir pôr numa creche, para os pais trabalharem. Mas nós tínhamos de os levar para a fazenda para o pé da gente. Trazíamos-los lá no campo e eles lá andavam. Uma vez, eu andava a ralar o milho e a minha filha ia assim ao lado, à minha frente. E eu:

- Deixa-te estar aqui sentada.

Quando dei conta, vem ela muito depressa:

- "Ó mãe, eu também já sei arrancar milho!"

Arrancou um bocado de milho quase como uma mesa grande, assim tudo a eito. Mas, como ela via que eu que não arrancava o feijão, que só arrancava o milho, o feijão não me arrancou nem o primeiro. Nem lhe ralhei nem nada.

Criei-a ao pé de mim na fazenda. E os outros também. Não havia lá creche nenhuma, tinham de os levar para donde iam. Fraldas no meu tempo, não, senhor! Ainda não havia fraldas como agora. Nem quando me eu criei nem os meus filhos. Fazíamos as fraldas duns trapos das roupas da gente conforme podíamos. A chupeta, fazíamos, às vezes, umas rolhas de açúcar embrulhadas num pano. Quando eles se não calavam, embrulhávamos num pano, metíamos o açúcar dentro do pano e fazíamos assim a chucha. E, graças a Deus, criei os seis todos ao peito. Não foi preciso biberão.

Não fui para a maternidade. Nem nunca fui ao médico como andam agora. Tive-os em casa todos. Havia lá senhora, uma parteira. Era uma tia minha. Era Maria da Conceição. Não sei como ela aprendeu, mas lá se ajeitava. Era a parteira por lá do povo. É assim a vida. Graças a Deus.

Assim que se eles começaram a criar e puderam girar, cada um foi para seu lado. Começaram a sair, uns para um lado, outros para o outro. Saíram da escola, começaram logo servir. Um foi ali para Pomares com a idade de 14 anos. Outro foi para Lisboa, também com 14. E as minhas filhas, as duas mais novas, também. Mas foram guardar bebés a umas sobrinhas minhas. Uma sobrinha precisava lá duma para lhe criar o bebé, foi para lá, também. Outra esteve seis anos em Coimbra também a criar um. Depois, lá foi para Lisboa e agora está lá com uns patrões. As outras estão casadas. Já têm a vida delas. Agora, era só por telefonema que falava com eles. Só um é que agora está em Oliveira do Hospital.



António Nunes, marido de Adelaide Nunes (Mourísia)

Costumes Dias de paródia

"O ano passado, ainda enfeitei lá um andor"

O santo padroeiro da Mourísia é a Senhora da Assunção. Fazem todos os anos a festa. Dantes, até faziam em Maio que era Dia de Santa Cruz. Agora é

que deram fazer em Agosto que é por causa daquele pessoal que está em Lisboa. É o terceiro domingo de Agosto.

Nuns anos faziam procissão. Saíam os andores. Está uma capela no fundo da povoação e está outra lá no cimo. Iam dar a volta lá à capela de cima. Era uma procissão grande, na altura, e todos os que podiam participavam. Ainda ano passado, fizeram uma festa jeitosa. Enfeitam os andores e a rua. A rua enfeitavam com verdura e com papéis por cima, os enfeites, e os andores, enfeitávamos com flores naturais, aquelas que são criadas no campo. Eram oito andores. Estão quatro santos na capela de cima e quatro na de baixo. Em cima, é Nossa Senhora da Saúde, Senhora de Lurdes, Senhoras das Graças e Santo António. Na de baixo, é a Senhora da Assunção, Sagrado Coração de Jesus, Senhora de Fátima e Rainha Santa. Eram oito andores. Cada uma enfeitava seu. O ano passado, ainda enfeitei lá um. Os andores, enfeitávamos quase só na véspera. A rua, enfeitavam, às vezes, dois ou três dias antes.

Noutros anos era só a missa. Conforme. Este ano, este Verão que passou, já só fizeram a missa. Mas era um dia diferente dos outros. Levava um conjunto para o largo, lá faziam bailes aqueles que podiam. Quando é em Agosto, vem pessoal que está em Lisboa e ainda se junta muita gente. Lá se dançava uns com os outros.

No outro tempo, com tantos domingos, a gente fazia, às vezes, um bailito. Um raparigas cantavam e havia lá um tocador, um que tocava uma guitarra. Ia lá divertir as raparigas e os rapazes. Também ainda dancei algumas vezes. Mas, agora, os bailes é só naquela altura da festa.

"Iam abraçar uns aos outros"

Antigamente, juntávamo-nos à noite para ir debulhar. Era uma paródia quando se ajuntavam. Um dizia uma coisa, outro dizia outra, riam-se, lá cantavam... Era conforme calhava para passar o tempo, mas agora já não me lembra. Quando apareciam aqueles milhos vermelhos, isso era uma brincadeira! Iam abraçar uns aos outros. Estávamos sempre a ver se aparecia lá alguma. Uma vez, uma irmã minha foi-se abraçar lá um velhote. Ele dizia assim:

- "Ai! Eu já não sou de abraços! Não sou de abraços."

Abraçava-os todos! Mas era com respeito, naquele tempo. A gente passava a vida de escravidão, mas era mais alegre do que agora. Parece que as pessoas eram muito amigas umas com as outras e tudo. Por acaso eram mais unidos que agora. Agora, aquele que já tem mais parece que ainda quer ter mais, já se não importa. É assim.

Paródias com castanhas

No dia de Todos-os-Santos, também se ajuntavam. Faziam um magusto. Juntava-se o povo, agarravam num molho de carumas, estendiam lá no largo e depois assavam as castanhas. Depois, ajeitavam-se todos a cascá-la e a comer. Era uma paródia que faziam. Ainda o ano passado lá fizeram.

Depois, secávamos a castanha no caniço e pisavam-nas. O dia que se pisava a castanha também era uma paródia. Ficavam piladas as castanhas num cesto e comíamo-las depois. Eram bem boas para comer. Também se fazia sopa de castanhas. Era o que a gente mais gostava. Punha mais força que agora a fazer só de batatas.

Tempos que não voltam

Vinha o Natal, ainda era uma paródia, que os rapazes juntavam-se e iam fazer uma fogueira grande lá num largo em baixo.

No São João, iam enfeitar a fonte e queimavam o pinheiro do gato. Os homens juntavam-se, enfeitavam um pinheiro com palha, punham lá um gato na ponta e botavam lume ao pinheiro. Ardía a palha toda e o gato, assim que o lume chegava lá ao cimo, para o chão. O gato fugia e o pessoal ficava-se a rir. Depois, passavam lá a noite. Ainda era uma paródia.

Na Páscoa, andava o padre a dar a volta às casas e davam as boas-festas. Botava água benta com a caldeirinha e cumprimentava as pessoas. Às vezes, punham qualquer coisa de cima da mesa para ele levar. Naquele tempo, levantavam os queijos e punham lá também o vinho se alguns queriam beber. Mas eles, às vezes, nem bebiam senão, iam bêbedos. Agora também vão levar a Cruz quando é pela Páscoa. Vêm dar a volta a todas as casas. Mas já nem vai o padre. Vai um homem qualquer. O padre diz que não pode.

O dia da malha do centeio também era giro. Às vezes, eram 12 homens a malhar lá na eira. Depois, à noite, juntava-se o pessoal para nos limparem o centeio. Faziam também uma paródia lá todos.

Ainda tenho saudades daqueles tempos. Mas agora, já lá vai, já não volta. Agora, não há mocidade.



**Adelaide Nunes acompanhada do seu marido
António Nunes e da sua neta Sofia (Mourísia, 1997)**

Lugar *Imagens da Mourísia*

Terra de broa, queijo e mel

Ainda há dois anos eu tive de fazer uma fornada de broa, que as minhas netas acabaram os estudos, ainda não tinham emprego e trouxeram uma rapaziada. Vieram umas dez pessoas com elas. Lá me lembrou para ir cozer a broa. Disse-lhes:

- Eu já não posso... Tendes de ir buscar a lenha.

Lá foram buscar a lenha, ainda cozi a broa. A paródia que para lá foi. Eles todos queriam amassar a broa. Todos queriam depois botá-la para o forno.



Adelaide Nunes com a sua neta Maria (Oliveira do Hospital, 2005)

Ao princípio, havia só dois fornos na aldeia. Iam cozer lá todos. Uma vez, cozia um, outras vezes, cozia outro. Estava lá uma senhora e depois iam procurar a ela se podiam cozer. Ela dizia:

- "Olha! Está para fulana para cozer primeiro."

Depois daquela cozer, cozia outra. Às vezes, se coziam mais do que uma, agarrava uma, fazia um sinalzito para conhecerem. Mas era muito "ralo"¹ juntar. Cozia cada uma por sua vez. Depois, quase todos começaram a fazer fornos para cozer o pão.

Também fazia queijo. Ainda lá tinha cardeiros e criava. A gente coalhava o leite. Agora, já tinham um pó na farmácia para coalhar o leite, mas antes era com cardo. A gente desfazia-o num pinguito de água, mexia no leite e ele coalhava. Ainda era melhor que este pó que agora usam na farmácia. Depois a gente, com as mãos, fazia o queijo dentro do acincho. Era só o leite simples das cabras e das ovelhas. Uns é só da cabra, outros ia só da ovelha. Quem tinha cabras e ovelhas,

¹raro

era tudo misturado. Até coalhava melhor se tivesse um bocado de ovelha e outro de cabra. O de cabra não coalhava tanto. Mas é do leite do gado, tudo era bom.

No fim, púnhamos a curar o queijo numa queijeira de rede com um pano por fora para lá não irem os ratos e para não ir o lixo para dentro. Se o tempo fosse bom, curava mais breve. Se fosse tempo mau, leva mais uns tempos.

O mel até havia mais que agora. As abelhas parece que têm morrido. Mas, antigamente, o meu pai tinha e depois o meu marido ainda chegou a ter, também. O mel vem metido dentro da cera, os favos do mel. Então, iam lá tirar o mel às colmeias. Tiravam uma parte, mas ficava lá o resto para as abelhas. Não o podem tirar todo. Era uma parte para as abelhas comerem que elas, de Inverno, se não tiverem mel, morrem. Não podem ir granjeá-lo.

Depois, a gente espremia-o e punha-o limpo. Às vezes, as abelhas ainda mordiam. Apanhei, uma vez, uma ferroada duma na vista que não via nada. Quando era para ir crestar, deitavam-lhe um bocado de fumo. Uma vez, estava um com um pneu a fazer fumo para elas irem. Agora, usavam também um estojo para pôr na cara, para elas não morderem.

Eu tenho comprado mel que é branco. Mas andava habituada ao outro, nem ligo muito àquele. Nós era do mato negro. Era mais escuro, mas mais gostoso.

"A carne de antigamente era muito diferente de agora"

Quando pude, criei sempre porcos. Quando se matava o porco, era uma alegria. O dia da matança do porco juntavam a família toda. Juntavam-se os homens, estendiam-no num banco, lá o matavam, chamuscavam-no, penduravam-no, abriam-no e tudo. Faziam aquilo tudo. Mas alguns, para os agarrar, ainda se viam parvos. Às vezes, eram três homens, outras, mais de meia dúzia agarrados ao porco. Aquilo nem todos sabiam. É preciso saber onde dar com a faca, mas nem todos queriam saber. Iam lá dois ou três que se ajeitavam e depois convidavam os outros. Depois, cozinhávamos torresmos na cozinha para eles comerem.

Naquele tempo, metiam aquelas peças maiores, os presuntos, numa salgadeira. E o resto fazia-se enchido e pendurava-se a secar como agora fazem os fumeiros. Eu gostava de tudo, mas agora nem os posso comer. Estou proibida de comer carne. Mas a carne de antigamente era muito diferente de agora. Salgava-se na tina, parecia que estava amarela e era gostosa. Era melhor que agora nos frigoríficos. Não havia luz, nem havia nada. Conservavam-na numas panelas com azeite e iam comendo por o ano fora.

Água, luz e saúde no passado

Antigamente, nem tínhamos água, nem luz em casa. Íamos buscá-la à fonte. Ainda temos duas fontes. Está uma que dava água todo o ano. Quando era, às vezes, no Verão é que era chato. Dava pouca e juntava-se lá muita gente. Primeiro que se enchesse a bilha... Mas tivéramos sempre água.

Para lavar a roupa, íamos à ribeira. Outras vezes, era lá no tanque, na fonte. Mas, quando era no Verão, era pouca água. Íamos lavar para a ribeira. Até ficava a cheirar bem. A água sempre a correr. Então não ficava limpinha? Tiravam as nódoas, às vezes, com um bocado de lixívia. Mas, primeiro, não tinha lixívia. A minha avó diz que fazia barrela, mas eu nem cheguei a saber como é que ela fazia. Diziam que metiam-na de molho num balde. Depois, nesse tempo, ia lá corar nos relveiros. Se ela estivesse a corar, ficava clarinha. Não era preciso nem lixívia nem nada. Agora, já há muito ano, é que canalizaram. Vem a água para casa.

Depois, veio a luz. Foi um melhoramento bom. Já tinha os meus filhos todos quando veio a luz. Antes, tínhamos em casa um candeeirito a petróleo por modos de a gente se alumiar e tínhamos a lareira para modos de a gente se aquecer. Tínhamos sempre lenha em casa para queimar. A gente acendia o lume e estávamos em volta da lareira. Mas, quando me eu criei, era um fumeiro lá na cozinha, que Deus nos livre! A queimar a lenha. Não havia chaminés. Mais tarde, é que comprei fogão.

Quando estavam doentes, esse é que era um grande sacrifício. Tive que ir com os meus filhos da Mourísia para a Benfeita e às costas. Havia lá um senhor que dava remédios. Chamavam o senhor José Augusto. Diz que nem era médico, que era barbeiro. Mas ele era tão inteligente como um médico. Íamos para Avô, também. Como é que a gente tinha que ir com eles às costas se nem carro havia? Não havia carro nem nada. Para as constipações era das ervas do campo que faziam os chás para beberem. Era flor de sabugueiro, era as ervas que por lá haviam para curar. Também é muito boa a flor da carqueja. Tenho um cunhado meu que até era só a carqueja. Diz que não é preciso a flor. Faz chá só de carqueja verde.

Ofícios típicos

As profissões da aldeia eram, como eu digo, o centeio, a batata, o feijão, o mel e os animais para tratar. Depois, havia na Mourísia um canasteiro que até era meu tio. Lá fazia cestos com correias de madeira. Ainda está um amolador,

o tio Moura. Esse andou por fora também. Amolava as tesouras e facas e ainda pegavam os pratos que partiam. Agora, já não pegam pratos. Se eu partisse um, não o deitava fora. Pegava-se. Tenho uma terrina que me calhou da minha sogra. Está toda cravadinha, que o bojo partiu e depois lá a pegaram. A minha filha tem-na num móvel. Não se desfez dela. Já está toda pegada com ganchos e um bocado de arame, mas ninguém diz que ela está assim. Nem se conhece.

Memórias dos lobos

Havia muitos lobos, às vezes, na Mourísia. Ainda cheguei a ver dois bem perto de mim! Uma vez, andava lá no campo. Víamos lá longe e estava um lobo a puxar a ovelha para trás. A ovelha para diante e ele para trás. Disseram assim:

- "Mas quem é que está além?"

- "Ai! Está além um cão a brincar com uma ovelha."

Diz assim o meu marido que Deus tem:

- "Olha ali além um lobo! É um cão... É um lobo!"

Lá nos ajuntáramos todos a correr e o lobo deixou a ovelha. Até era um carneiro. Levou-lhe um bocado da pele nos dentes. Depois, curaram o carneiro e ainda se criou outra vez. O lobo fugiu, mas porque a gente lá estava ao pé, senão ele levava a ovelha.

Outra vez foi lá um rapaz da minha terra que andava com as ovelhas. Lá disseram:

- "Olha, ó Zé, ó Zé, lá vai o lobo às ovelhas!"

Um ainda agarrou um borrego, levou-o. Esse foi duas vezes, mas nessa o barulho era tanto que o lobo não levou o borrego.

"Nunca vi, mas ouvia contar"

Do João Brandão ouvia falar. O meu pai contava que era mau como tudo. Diz que agarrava e ia meter os burros e os cavalos nas arcas, a comer o milho às pessoas. Diz que também tratava mal as pessoas. Diziam. Nunca vi, mas ouvia contar.

O lobisomem, esse também já lembra. Uma vez uma senhora estava ainda levantada, que a gente dormia só por volta da meia-noite, e ouviu aquele "tropelo". Diz que foi dar volta às ermidas e tornou-se a ir embora. Diz que ele andava em burro ou num bicho qualquer. Sei lá como é que era aquilo. Até diziam que, se lá fosse espetá-lo com uma agulhada, ele que ficava bom, mas que não se havia de assustar. Depois, foi lá ver a espetar uma agulhada e viu que o outro ficou bom e ele é que ficou também de lobisomem.

Os mouros fizeram uma levada grande para levar a água só uma noite. Ainda se lá conhece nas penedas. Lá de cima da serra para o lado da Sorgaçosa. E está lá ainda uma Buraca dos Mouros. Uma vez, quando andávamos com o gado, ainda fôramos lá andar, a ver se lá entrávamos para dentro da buraca. Diz que tinham lá o tesouro. Mas, depois, déramos em ter medo, voltámos para trás.

Avaliação "Não dão valor a isso"

Querem saber o que era passado no outro tempo, não é? A minha história não será bem, mas também não será mal. Claro que agora que é muito diferente do nosso tempo. Mas, se estiver a contar o que a gente passou, eles não dão valor a isso. As minhas filhas ainda sabem tudo lá do campo. Agora os meus netos já não. Eles estão pouco tempo ao pé de mim. Foram criados quase todos lá por Lisboa. Quando andavam na escola, ainda vinham muita vez. Agora, já pouco vêm. Uns já estão casados, outros já estão empregados.



Adelaide Nunes e António Nunes (Mourísia)